

PEDRO PAULO AMORIM\*

Ao longo de nossas pesquisas sobre a atuação dos mais diversos indivíduos no interior do Movimento Espírita Brasileiro, notadamente aqueles envolvidos de alguma forma com a Federação Espírita Brasileira (FEB) chamou nossa atenção alguns acontecimentos que marcaram a atuação desses personagens junto a essa instituição. Assim, passamos a refletir sobre a ideia de geração e a atuação delas em torno da FEB, para tanto tomamos emprestado as análises empreendidas por Jean François Sirinelli em “A Geração” (SIRINELLI, 1996:131-137), e de Angela de Castro Gomes no seu livro “Essa gente do Rio... modernismo e nacionalismo” (GOMES, 1999).

Quando nos reportamos ao conceito de geração devemos nos ater em especial a questões relativas à periodização e a regularidade, pois, a questão é como podemos delimitar o início, o fim e a duração de uma geração? Sirinelli destaca logo de início a importância do fato ou do acontecimento como o marco inaugurador ou assinalador da identidade de uma geração, sem esquecer os antigos preconceitos historiográficos quanto ao tempo curto e ao acontecimento (SIRINELLI, 1996:132-133).

Em relação aos problemas de periodização, quando discute a geração possuindo uma aparência de produto da natureza, e dessa forma se constituindo como um parâmetro invariável, como um marco da inserção da sociedade na duração, na tentativa de se definir o uso deste padrão para a leitura do tempo, Sirinelli afirma que:

[...] a noção de periodização remete à de regularidade. Ora, os fatos inauguradores se sucedem de maneira forçosamente irregular e por isso existem gerações “curtas” e gerações “longas”. E assim como o econômico, o social, o político e o cultural não avançam no mesmo passo, e as gerações, em relação a esses diferentes registros, são de geometria variável, tal plasticidade também existe verticalmente em relação ao tempo (SIRINELLI, 1996:133).

Sirinelli usa uma simbologia marcante para a história marcada pelo conceito de geração, ao denominá-la de “história em sanfona”, ora dilatando-se ora encolhendo-se ao sabor dos fatos inauguradores, portanto, deve-se encarar a geração como uma escala móvel do tempo (SIRINELLI, 1996:134-135).

A historiadora Angela de Castro Gomes em seu livro “Essa gente do Rio... modernismo e nacionalismo” dá um grande exemplo da utilização do conceito de geração baseada nos apontamentos de Sirinelli, definindo-a como “[...] um grupo que constrói uma memória comum, referida a um “tempo” e a “acontecimentos” que conformaram uma certa maneira de experimentar, no caso, a vida intelectual” (GOMES, 1999:79). A autora demonstra a aplicabilidade das noções destacadas acima, a fim de

analisar o modernismo e o nacionalismo no Rio de Janeiro entre as décadas de 20 e 30 do século passado, através da análise de duas revistas: “Festa” e “Lanterna Verde”.

Em relação ao Movimento Espírita Brasileiro institucionalizado, mais especificamente à FEB, e a identificação de possíveis gerações ligadas ao desenvolvimento dessa instituição ao longo do tempo, podemos destacar os seguintes fatos inauguradores que dariam origem a essas possíveis gerações, sendo a primeira relacionada à fundação da própria Federação Espírita Brasileira (FEB – 1884), a segunda podemos ligá-la a fundação da Liga Espírita do Brasil (LEB – 1926), a terceira ao estabelecimento do “Pacto Áureo” (1949) e a quarta geração a internacionalização do Movimento Espírita Brasileiro com a criação do Conselho Espírita Internacional (CEI – 1992).

#### A 1ª Geração – Os Fundadores

O Acontecimento inaugural da primeira geração é a constituição da Federação Espírita Brasileira, instituição hoje sem dúvida possuidora do maior capital simbólico do Campo Espírita Brasileiro, porém, nem sempre ocupou esse posto. Fundada em 2 de janeiro de 1884 em uma época onde certamente não existia nada a se federar, passou por inúmeras vicissitudes em sua primeira década de existência, sofrendo dissensões, penúria econômica, deserções e dificuldades também decorrentes de questões sociais e políticas impostas pela abolição da escravatura, seguida da queda do Império, da proclamação da República, da revolta da Armada. A primeira Diretoria da Federação ficou assim constituída: Presidente, Major Francisco Raimundo Ewerton Quadros; Vice-Presidente, Manoel Fernandes Figueira; Secretário, João Francisco da Silveira Pinto; Tesoureiro, Augusto Elias da Silva; e Arquivista, Francisco Antonio Xavier Pinheiro (SOUZA, 1983:355-359). Constam ainda entre os seus fundadores os denominados científicos<sup>1</sup> Angeli Torteroli e Joaquim Távora convidados a se cadastrarem como sócio-fundadores (QUINTELLA, nd:2).

Aproximadamente dez anos antes da fundação da FEB já era possível encontramos vários de seus fundadores ou de seus futuros integrantes atuando de forma

---

<sup>1</sup> Tratamos aqui os científicos seriam aqueles adeptos do Espiritismo que apóiam seus estudos, exclusivamente, no “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”. Já os “místicos” seriam aqueles que além de nos livros citados, sem os quais não poderiam ser chamados de espíritas, dão ênfase maior ao “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e demais livros escritos por Kardec. (Nota do autor).

destacada no incipiente Movimento Espírita da Capital Federal. Atuaram em diversos grupos que de alguma maneira contribuíram para a futura formação da federação. De forma destacada encontramos: Siqueira Dias, Bittencourt Sampaio, Antonio Luís Sayão, Frederico Júnior e o professor Casimir Lieutaud, a que se atribui a primeira revelação de ser o “Anjo Ismael” o “Guia Espiritual do Brasil” atuando em diversas frentes como, por exemplo, o Grupo Confúcio e a Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade (SOUZA, 1983:355-359).

Paulatinamente, todos os grupos afinados com a filiação ideológica Espiritismo-Evangelho foram se reunindo em torno da Federação Espírita Brasileira, consolidando-se, finalmente em 1895 em torno da liderança de Bezerra de Menezes (SOUZA, 1983:355-359).

Atendendo ao pedido da comissão formada por Augusto Elias da Silva, Manuel Fernandes Figueira, Alfredo Pereira, o então gerente do "Reformador"<sup>2</sup>, e do ex-presidente da FEB Dias da Cruz, Bezerra de Menezes aceitou a indicação à Presidência da Federação mais uma vez, pois já exercera o cargo em 1889. Porém, dessa vez, Bezerra de Menezes foi eleito com poderes excepcionais pela Assembleia Extraordinária de 3 de agosto de 1895, em que os estatutos da instituição foram reformados a fim de concederem os já citados amplos poderes ao novo presidente e também tornar obrigatório o estudo da obra de Roustaing, conforme o artigo 4º, § 1º(SOUZA, 1983:355-359) (QUINTELLA, nd:2).

Entre o final do ano de 1895 e o final do ano de 1897, portanto, por dois anos consecutivos, uma grande batalha foi travada através das páginas do “Reformador” entre Bezerra de Menezes expoente máximo dos chamados místicos e por Torteroli líder dos científicos.

Mauro Quintella em sua “História do Espiritismo no Brasil” sobre essa grande demanda afirma que em 1º de novembro de 1897 os diretores do Centro de União Augusto Elias da Silva, Ernesto dos Santos Silva, João Gurgel Valente, José Vila Franca e Manoel Joaquim Maximino divulgaram um lacônico comunicado ao movimento espírita, através de diversos jornais cariocas, informando que haviam abandonado aquela instituição e que não há indícios de que Pinheiro Guedes, Lima,

---

<sup>2</sup> Revista fundada por Augusto Elias da Silva em 21 de janeiro de 1883 que funciona como órgão de divulgação oficial da FEB desde a sua fundação em janeiro de 1884. Por tanto a revista foi fundada um ano antes da própria FEB.

Cirne e Júlio César Leal também tenham abandonado a instituição naquele momento (QUINTELLA, nd:6). O “Reformador” de 15 de novembro de 1897, número 353, reproduziu o comunicado dos diretores do Centro

Centro da União Spirita de Propaganda no Brazil  
Os infra assignados declaram que n’esta data deixaram de fazer parte do Centro da União Spirita de Propaganda, como sócios e directores da mesma sociedade.  
Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1897.  
Augusto Elias da Silva.  
Ernesto dos Santos Silva.  
João Gurgel do Amaral Valente.  
José Villa Franca  
Manoel Joaquim Moreira Maximino (REFORMADOR, 1897:2).

Do artigo do dia 15 de novembro de 1897 denominado "Lamentável", Bezerra de Menezes comentou a saída dos membros do Centro da União

[...]  
Gravissimos motivos, effectivamente actuaram no animo d’esses nossos confrades para assim procederem, mas sómente agora acabam de chegar ao nosso conhecimento;  
[...]  
[Reformador] vem lavrar o seu protesto; vem declarar ao mundo spirita que o Centro da União Spirita de Propaganda no Brazil mentiu á sua missão e, abandonado pelo nucleo mais forte dos directores que até aqui haviam luctado por manter a sua cohesão, entra francamente n’uma phase de perigosa dissolução, sustentado e mantido exclusivamente pela vontade caprichosa de um falso apostolo, [Tortero] que, no seu desvario, na sua transloucada pertinácia, expulsou do seu gremio os unicos que ainda poderiam prestigial-o pelos seus conhecimentos e pelas virtudes pessoaes e que, em face da resistencia ameaçadora que encontram á sua tentativa de fechar aquelle grupo, em virtude dos seus resultados negativos, tiveram de recuar abandonando o campo , para não darem o publico testemunho do escandalo que não pode ser a arma do verdadeiro spirita christão [...](MENEZES, 1897:1).

Em virtude da total oposição desferida por Bezerra de Menezes, principalmente contra o principal dirigente, o Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil acabou cerrando suas portas ao final do ano de 1897. Como bem afirma Quintella o fim do Centro da União, decreta a desarticulação dos científicos e possibilita a restauração de uma FEB totalmente mística e roustanguista (QUINTELLA, nd:10). Essa vitória marcará o caráter da FEB até os dias atuais, onde as questões referentes à adoção do roustanguismo ainda geram conflitos no interior do movimento, responsáveis que são por diversos cismas.

Nesta primeira geração podemos apontar sem sombra de dúvidas Bezerra de Menezes como a principal figura do Espiritismo Brasileiro e também como o intelectual espírita de maior destaque. Outros intelectuais ligados à Federação, quer sejam como administradores ou como participantes nas mais variadas funções destacamos: o Marechal Francisco Raimundo Ewerton Quadros, o célebre poeta Francisco Leite de Bittencourt Sampaio (1834 – 1895), Dr. Joaquim Carlos Travassos (1839 – 1915),



Antônio Luís Sayão (1829 - 1903), Leopoldo Cirne, Francisco de Menezes Dias da Cruz, o poeta alagoano Júlio César Leal, Pedro Richard e outros.

Agora damos um salto em nosso breve relato das Gerações Espíritas até atingirmos o início da segunda geração.

### A 2ª Geração – A Liga

A reforma parcial da Constituição Brasileira de 1925 – 1926<sup>3</sup> realizada durante o governo de Artur Bernardes (1922 – 1926), possibilitou uma reação de correntes ligadas ao Catolicismo no interior do Poder Legislativo Federal, onde destacamos a criação de emendas dispendo sobre o ensino religioso, caracterizando a tentativa de definir o Catolicismo como religião do povo brasileiro, destacou-se nesse sentido o deputado católico, Plínio Marques, representante do Estado do Paraná, ao introduzir na reforma emendas oficializando o estudo do Catolicismo nos escolas do país, o que ficou conhecido como “Emendas Plínio Marques” ou “Emendas Católicas” (HUFF JUNIOR, 2008:).

Diante desses fatos, deu-se uma grande reação nacional contrária a eles, unindo evangélicos, espíritas, maçons e outros grupos que se coligaram, a fim de derrubarem as emendas na Câmara Federal, obtendo sucesso nessa empreitada.

No interior do Movimento Espírita Brasileiro foram realizadas várias reuniões nos centros espíritas, com o objetivo de se obter o apoio necessário do movimento contra o projeto do deputado paranaense. Essas reuniões por vias indiretas desencadearam uma grande crise no interior do Movimento Espírita Brasileiro, caracterizada pela alegada inação da FEB (SANTOS, 2004:68-69), proclamada por seus opositores, quanto ao processo que culminou com a não aprovação de tais emendas no Congresso Nacional. O grande sucesso das reuniões no interior do movimento levou os grupos a decidirem pela ampliação de sua agenda e assim, começaram a discutir os problemas referentes à unificação espírita, o que proporcionou a formação de um movimento, que pleiteava a criação de um Congresso Constituinte Espírita Nacional, o

---

<sup>3</sup> Durante a presidência de Artur Bernardes (1922 – 1926), a Constituição de 1891 sofreu uma Reforma Constitucional (1925 – 1926), a qual fortaleceu o Poder executivo Federal, ampliando o direito de intervenção federal nos Estados, dando maior autonomia para instalação do estado de sítio, intervenção nos sindicatos e limitação do direito ao *habeas corpus*, e o Presidente da República passa a ter o direito de vetar, parcialmente, leis aprovadas pelo Congresso Nacional. Conforme ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. **Pequena História da Formação Social Brasileira**. Rio de Janeiro: Graal, 1981. p. 518-558.

qual seria responsável pela criação de uma Constituinte Espírita Brasileira<sup>4</sup>. Desse movimento, surgiu a Liga Espírita do Brasil<sup>5</sup>, criada na cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal. Instituição de vertente Kardecista fundada em moldes federais, com o intuito de unificar o movimento espírita em âmbito nacional, apresentava-se como alternativa à contestada liderança da FEB (SANTOS, 2004:68-69).

Assim, a Comissão Preparadora do Congresso em 16 de outubro de 1925 expediu uma circular onde convocava as sociedades espíritas para comparecerem a um Congresso, o qual realizar-se-ia em 31 de março de 1926, cujo objetivo principal era fixar as bases de uma organização visando à unificação do movimento e a criação de uma nova entidade federativa de âmbito nacional. A direção da Federação Espírita Brasileira também recebeu o convite para participar do evento e como era de se esperar recusou-se a participar do evento por motivos óbvios, visto que a nova instituição faria o papel unificador, o qual a FEB arrogava para si (QUINTELLA, nd:12).

Nas páginas da Revista Espírita do Brasil vamos encontrar alguns relatos dos desdobramentos que antecederam a fundação da Liga Espírita do Brasil

[...]

A Liga Espírita do Brasil, surgida como resultante de reaes anseios de um systema federativo das associações espiritas, e, ao mesmo tempo, de uma acção de legitima defesa, quando um dos representantes da nação com as exquisitas emendas religiosas pretendeu nos fazer retrogradar nos nossos principios de crença consciente, de fé raciocinada, já, então, em uma relatividade de independencia bem accentuada, a Liga Espirita do Brasil nos seus primeiros tempos de vida luctou e venceu difficuldades as duras.

Foi em 1926, com o fim combativo áquella exdrixula ideia e mais o de estudar-se o systema federativo das associações, que então na existia bem definido, que sob a chefia dos nossos amados irmãos desembargador Gustavo Affonso Fornesse e o jornalista e professor Nobrega da Cunha, aos quaes nesta hora prestamos nas colunas da Revista Espírita do Brasil o mais assignalado preito de veneração, realizou-se auspiciosamente a reunião dos directores das associações desta capital para o fim especial de assentarem-se as bases de uma acção enérgica tolher a nossa liberdade de pensar e de crêr, que a nossa constituição nos garante.

[...]

No Congresso Constituinte Espírita Nacional estiveram representadas 286 das 620 associações convidadas.

Conjuncta e calorosamente foi aclamado o primeiro Conselho Director da Liga Espirita do Brasil, composto dos seguintes confrades: Desembargador Gustavo Affonso Fornesse, presidente; Jarbas Ramos e General Jacques Ourique, 1º e 2º vice-presidentes; professor Nobrega da Cunha e Arthur Fonseca, 1º e 2º secretários; Candido Damazio Filho e D. Guiomar Alvim de Figueiredo Ramos, 1º e 2º thesoureiros.

[...]

O Congresso Constituinte Espírita Nacional, pelos seus trabalhos, por vezes, agitados pelas calorosas e necessárias discussões, visto como tratar-se de um vasto plano de remodelação no sentido de assentarem-se as bases do systema federativo e diffusão dos estudos da doutrina e

<sup>4</sup> Movimento formado por membros do movimento espírita, o qual visava à unificação deste, inicialmente com uma entidade que substituiu a FEB. Mas a iniciativa acabou reduzindo-se apenas ao limite de uma Assembleia, realizada em 31-3-1926, da qual resultou a fundação, na mesma data, da Liga Espírita do Brasil, a qual se propunha também a federar as instituições espíritas. Conforme: Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**, Rio de Janeiro, n. 2047, p.7, out. 1999.

<sup>5</sup> Fundada em 31 de março de 1926, durante o Primeiro Congresso Constituinte Espírita Nacional, realizado na cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente, com o advento do Pacto Áureo, teve a sua denominação modificada para Liga Espírita do Distrito Federal, passando a integrar a organização federativa coordenada pela FEB, como membro do Conselho Federativo Nacional (CFN). Com o passar dos anos, sua denominação foi alterando-se até chegar à atual: Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro. Conforme: Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**, Rio de Janeiro, n. 2047, p. 7, out. 1999 e sítio do CEERJ < Disponível em: <[http://www.ceerj.org.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=20&Itemid=34](http://www.ceerj.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=20&Itemid=34)>. Acesso em: 01/05/2015.

prática do Espiritismo nos aspectos científico-philosophico-religioso, nos prometia um período de luctas de toda ordem com o fim de impedir a vida serena e galharda que hoje, mais ou menos, vae gozando a Liga Espírita do Brasil.

[...]

Como cellulas do organismo federativo da Liga Espirita do Brasil, estão devidamente instaladas a Liga Espirita do Distrito Federal e as Ligas Espiritas dos Estados do Rio de Janeiro, Minas Geraes e Pernambuco, as Ligas Espiritas Municipais de Petropolis e Juiz de Fora.

Por enquanto os trabalhos de propaganda da Liga Espirita do Brasil constam das “conferencias”, que se realizam nos primeiros domingos de cada mez, e das <<semanaes>> nos demais domingos, ás 6 horas da tarde na Casa dos Espiritas.

O estudo nas “semanaes” vêm sendo feito entre os directores de associações, presidentes de sessões e os espíritas em geral, aggregados ou não á Liga Espirita do Brasil, no decorrer de palestras intimas.

[...] (Revista Espírita do Brasil, 1929:3-5).

Após recusar o convite através das páginas do “Reformador” de 1º de dezembro de 1925 a FEB ultimou as providências visando à instalação definitiva do Conselho Federativo da FEB, tentando, assim, esvaziar o Congresso. Ainda na mesma edição de seu periódico, a FEB fazia alusão ao novo Conselho Federativo:

Transforma-se [...] em quase certeza a esperança [...] de que, em 1926, se celebre, nesta capital [...], a primeira reunião dos delegados das associações que, até lá, se [...] tiverem tornado adesas, para o fim indicado no Artigo 117 dos estatutos [...] da Federação, artigo que define o Conselho e lhe traça a órbita de ação (QUINTELLA, nd:12-13).

Mais uma vez recorremos aos estudos de Mauro Quintella que nos informa sobre a reprodução de um artigo do jornal “Aurora” nas páginas do “Reformador” na sua edição de 16 de janeiro de 1926, onde foram feitas acusações aos que apregoavam a unificação do Movimento Espírita Brasileiro sem sinceridade, a isso os editores do “Reformador” acrescentavam críticas aos companheiros que, em suas opiniões, contribuíam para a confusão no movimento. Por sua vez a “Comissão Preparadora” não acatou as reprimendas e enviou uma longa carta à FEB, refutando as críticas que lhe foram dirigidas (QUINTELLA, nd:12-13).

Em sua edição de 16 de fevereiro de 1926, o “Reformador” publicou os principais trechos da carta da “Comissão Preparadora” e a respondeu através do artigo “Um repto improcedente”. Diante disso, a Comissão Preparadora reiterou o pedido para que a FEB se fizesse representar no futuro Congresso (QUINTELLA, nd:13). No anexo a edição de 1º de março de 1926 do “Reformador”, incluso no relatório anual das atividades referente ao ano de 1925, a FEB reitera sua decisão de não participar do Congresso Constituinte. A certa altura, diz o texto:

Qualificam-nos, por isso, de intolerantes. Mas onde a nossa intolerância? Digna atitude é a nossa, perseverando nos propósitos [...] que nos animam, na defesa [...] do posto e na execução da tarefa que nos foram confiados e dos quais, se nos afastássemos, praticaríamos culposa defecção (QUINTELLA, nd:12-13).

O Congresso Constituinte Espírita Nacional iniciou na data prevista em 31 de março de 1926 nas dependências do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro, durando 10 dias, nos quais os participantes discutiram os rumos do Movimento Espírita Brasileiro. Durante a realização do Congresso, mais uma vez, na sessão do dia 4 de abril, os participantes decidiram reiterar o pedido à FEB para que ela se fizesse representar nas reuniões. Como nas demais oportunidades a resposta foi negativa (QUINTELLA, nd:13).

Em meio às lutas de representações travadas no interior do “Campo Espírita Brasileiro” entre a FEB e a Constituinte, podemos perceber alguns aliados da FEB através das diversas manifestações de apoio e solidariedade que recebeu ao longo desses acontecimentos. Vários registros de repúdio ao Congresso foram publicados no “Reformador” nas edições de 1º de janeiro, 1º de fevereiro, 16 de fevereiro, 1º de março, 16 de março e 1º de maio de 1926 (QUINTELLA, nd:14) e também em outros periódicos espíritas. Cairbar Schutel nas páginas da Revista Internacional de Espiritismo (RIE) de 15 de abril de 1926 comenta a constituinte nos seguintes termos

[...]

De fato, é verdadeiramente lamentável a situação espírita em certos meios do Brasil. Uma reunião que acaba de se verificar á guisa de congresso, no Rio, para a formação de uma << Constituinte >>, deixa bem transparecer quão desconhecidos são os princípios espíritas por aquelles próprios que se dizem espíritas e se arvoram mentores e representantes de Allan Kardec, neste paiz.

A grande imprensa tratando desse pseudo congresso o fez com tanta ironia que causa verdadeira compaixão o papel que muitos representam sem conhecimento, as mais das vezes, de si próprios.

[...] (Revista Internacional de Espiritismo, abr.1926:96).

Na RIE do mês seguinte Schutel volta à carga opinando agora sobre a criação da Liga Espírita do Brasil

[...]

A <<Constituinte>> incerrou seus trabalhos com a fundação da <<Liga>>; esta, porém, não ligou cousa alguma: fez muito barulho é verdade, houve discussão muito azeda, etc. A <<Liga>> é de espiritualistas, fazem parte d'ella theosophistas, occultistas, pensamentistas, etc., etc. Os espíritas, na expressão verdadeira do termo, ficaram de parte, abstiveram-se sem darem á mesma solidariedade.

[...] (Revista Internacional de Espiritismo, mai.1926:131).

Vimos anteriormente nas páginas da “Revista Espírita do Brasil” que o Congresso Constituinte Espírita Nacional contou com a presença de 286 das 620 instituições convidadas, ou seja, um pouco mais que um terço dos convidados. A presidência do Congresso ficou a cargo do Desembargador Gustavo Farnese e o escritor



maranhense Coelho Neto, considerado o Príncipe dos Prosadores Brasileiros, ficou com a vice-presidência (Revista Espírita do Brasil, jan.1929:3-5).

Entre os mais diversos participantes do congresso podemos destacar a presença de: Jacques Ourique, Nóbrega da Cunha, Xavier de Araújo, João Torres, Jarbas Ramos, Estevão Magalhães, Guiomar Ramos, Bertoldo dos Santos, Florentino Rego, Arthur Machado, Alfredo Molinaro, Brandão da Rocha, Lameira de Andrade, Arthur Fonseca, Cândido Damázio, Alves Júnior e Angeli Torteroli (QUINTELLA, nd:13).

A plenária do Congresso Constituinte aprovou a Constituição Espírita do Brasil, e de acordo com esse documento, a instância máxima dos espíritas brasileiros passaria a ser a Assembleia Espírita do Brasil, que se reuniria anualmente. Caberia a Liga Espírita do Brasil atuar como órgão executor das decisões da Assembleia. Ficou firmado também que mais tarde deveriam ser fundadas ligas municipais e estaduais para congregar os Centros Espíritas que desejassem participar desse novo esquema federativo (QUINTELLA, nd:13-14).

O primeiro presidente da Liga foi o Desembargador Gustavo Farnese, que a implantou e organizou dentro do seu próprio escritório de trabalho. Já no segundo triênio (1929 – 1932) João Torres o sucedeu e inaugurou a sede provisória, onde instituiu um curso popular de Espiritismo, além disso, fundou a “Revista Espírita do Brasil”, que circulou de 1929 a 1952 (Revista Espírita do Brasil, jun.1929:149).

Nos anos seguintes a Liga atuou de forma a fornecer todo apoio possível a Coligação Pró-Estado Leigo, criada em 17 de maio de 1931, a qual “congregava pessoas das mais diferentes orientações intelectuais, na defesa da separação entre Igreja e Estado e na luta pela igualdade de credos na futura constituição” (ISAIA, 1998:103), entidade ecumênica presidida pelo espírita Lins de Vasconcelos (QUINTELLA, nd:14).

Fizeram parte da Liga em seus diversos anos os seguintes intelectuais espíritas: Deolindo Amorim, Francisco Klörs Werneck, Godofredo dos Santos, Jonatas Botelho, César Gonçalves, Mário de Castro Pinto, Antônio Vieira Mendes, Edmundo Albuquerque, Geraldo de Aquino, Abstal Loureiro, Lipman Tesch D'Oliver, João Pinto de Souza, Moreira Guimarães, Calazans de Campos, Venâncio Martins, Barbosa da Paixão, Bandeira de Melo, João Carlos de Assis, Álvaro de Abreu, Manoel Raimundo da Paz, Luciano Costa, Floriano Burlamaqui, Mário da Gama, Jacy Sebastião, Sebastião

Tourinho, Henrique Magalhães, José Fernandes de Souza, Constantino Gomes de Carvalho e J.B. Chagas.

A Liga Espírita do Brasil como vimos rapidamente, nasceu como uma alternativa a proposta federativa capitaneada pela FEB que passava por um processo de grande contestação quanto ao papel de sua liderança junto ao Movimento Espírita Brasileiro. A FEB liderada principalmente por Manoel Quintão, Guillon Ribeiro e Wantuil de Freitas, três dos principais intelectuais ligados a sua direção à época, lutou contra esse estado de coisas. Podemos destacar como um importante movimento elaborado pela FEB em sua defesa e consequente luta pela liderança do Movimento Espírita Brasileiro, símbolo de sua futura vitória, o lançamento do livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, e seu papel como o veículo constituidor da legitimação da FEB no que se refere ao Campo Espírita Brasileiro e sua liderança.

### A 3ª Geração – O Pacto

Após várias tentativas infrutíferas de entendimento entre os dirigentes espíritas das diversas federações e uniões estaduais e nacionais, realizadas tanto na capital paulista quanto na cidade do Rio de Janeiro, aconteceu durante a realização, nesta última, do Segundo Congresso da Confederação Espírita Pan-americana (CEPA)<sup>6</sup>, em outubro de 1949, o encontro entre diversos dirigentes espíritas e a diretoria da FEB, cuja consequência foi a assinatura do “Pacto Áureo”, fato institucionalizador da próxima geração, o qual transformou a Liga Espírita do Brasil em entidade federativa de âmbito regional, transformando-a em Liga Espírita do Distrito Federal, subordinando-a a FEB.

Portanto, a terceira geração que apontamos possui como grande marca o estabelecimento do “Pacto Áureo” em 1949, pacto esse, cuja assinatura determina o ponto de inflexão da definitiva ascensão da FEB ao cargo de instituição de maior prestígio, detentora do maior capital simbólico, do Campo Espírita Brasileiro.

---

<sup>6</sup> CEPA - Confederação Espírita Pan-americana é uma instituição de caráter federativo e associativo, integrada por entidades espíritas de diversos países. Sua fundação ocorreu no dia 5/10/1946, durante o primeiro Congresso Espírita Pan-Americano, realizado na cidade de Buenos Aires. Define o Espiritismo como “ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal” e como filosofia espiritualista de consequências morais. Possui uma visão laica, livre-pensadora, humanista, dinâmica, progressista e pluralista do Espiritismo, não endossando a visão do Espiritismo como religião. Conforme CEPA. Disponível em: <<http://www.cepanet.org/cepa.php>>. Acesso em: 30/05/2015.

### A 4ª Geração – Internacionalização

Assim, chegamos à quarta geração, marcada pela criação do Conselho Espírita Internacional (CEI) e a difusão do Espiritismo à Brasileira pelo mundo, onde podemos destacar o trabalho da FEB, a fim de formar uma comunidade espírita transnacional que envolva a exportação de um modelo de Espiritismo desenvolvido no Brasil, em comunidades latino-americanas, hispânicas, portuguesas e na diáspora brasileira no exterior.

O CEI fundado em 28 de novembro de 1992 na cidade de Madrid na Espanha é o organismo resultante da união de diversas associações representativas dos Movimentos Espíritas Nacionais. Objetiva trabalhar em conjunto com os representantes de cada país, promovendo seminários, cursos, eventos regionais e congressos mundiais a cada três anos. Até hoje já foram realizados sete congressos internacionais, primeiro congresso, ocorreu em Brasília, no ano de 1995; o segundo em Portugal na capital Lisboa, no ano de 1998; o terceiro na cidade de Guatemala na Guatemala em 2001; o 4º congresso realizado em 2004 foi realizado na cidade de Paris, na França; em 2007 o 5º congresso foi na cidade de Cartagena, na Colômbia; o 6º congresso realizou-se em Valencia, na Espanha; e por fim o 7º. Congresso Espírita Mundial foi realizado na cidade de Havana em Cuba, no ano de 2013 (CEI,nd)<sup>7</sup>.

O CEI é dividido em quatro coordenadorias (Europa, América do Norte, América Central, Panamá e Caribe e América do Sul) criadas com o objetivo de facilitar a operacionalização dos trabalhos realizados pelo Conselho junto às diversas instituições nacionais, através da manutenção constante do contato com as Instituições Espíritas de sua região<sup>8</sup>.

O antropólogo Bernardo Lewgoy desde meados da década de 2000 vem estudando o fenômeno que chamou de “Transnacionalização do Espiritismo kardecista brasileiro” (LEWGOY, 2008: 84-104), no qual procura compreender a hegemonia do espiritismo brasileiro face ao espiritismo disseminado pelo mundo. Para tanto o autor salienta como fundamental para a criação desse circuito espírita

<sup>7</sup> CEI. 7º Congresso Espírita Mundial. Disponível em: <<<http://www.7cem.org>>>. Acessado em 15/07/2014. Ver também – Conselho Espírita Internacional. Disponível em: <<<http://cei.spirite.org/pt/>>>. Acessado em 15/07/2014.

<sup>8</sup> [www.cei.spirite.org/pt/departments/](http://www.cei.spirite.org/pt/departments/)

internacional as ações de entidades federativas como a Federação Espírita Brasileira o Conselho Espírita Internacional e as suas parceiras como as Associações Médico-Espíritas (LEWGOY, 2012: 101).

Lewgoy aponta dois momentos distintos do desenvolvimento do Espiritismo Brasileiro patrocinado pela Federação Espírita Brasileira. O primeiro deles é caracterizado principalmente pela atuação do médium Chico Xavier, e possui como principal destaque o movimento de “tornar-se brasileiro” do espiritismo francês, onde a FEB passa a conferir ao Espiritismo raízes verde-amarelas típicas da década de 1930, como podemos observar no livro “Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho”, citado anteriormente (LEWGOY, 2008: 84-91).

O segundo momento é bem representado pela atuação do médium Divaldo Pereira Franco, o qual representa a vontade de expansão internacional da FEB, caracterizada por um espiritismo a moda brasileira, entretanto, sem perder a referência original nos trabalhos desenvolvidos por Allan Kardec (LEWGOY, 2008: 91-92). Lewgoy aponta como característica básica desse período o fato de que “a recepção ao espiritismo articula-se à organização de grupos que fora do Brasil reproduzem o modelo brasileiro de funcionamento, vivência doutrinária e práticas rituais das casas espíritas” (LEWGOY, 2008: 90). Além da destacada atuação de Divaldo Franco a frente das platéias de simpatizantes do Espiritismo pelo mundo afora Lewgoy ressalta as atuações de outros médiuns também poderosos e performáticos como o primeiro e destaca como exemplos Raul Teixeira e médicos como Marlene Nobre, presidente da Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil). Soma-se a atuação dos médiuns e médicos espíritas o protagonismo político dos dirigentes do CEI, especialmente Nestor João Massoti, ex-presidente da FEB e secretário-geral do CEI e de Antonio Cesar Petri de Carvalho<sup>9</sup>, atual presidente da FEB (LEWGOY, 2012: 103-104).

Divaldo Franco, pelo olhar de Lewgoy, é o segundo homem em importância no Espiritismo Brasileiro, logo após de Chico Xavier. Divaldo Franco foi fundamental no proselitismo e na constituição das redes espíritas no exterior entre brasileiros e estrangeiros. Desde a década de 1990, o Espiritismo tem se articulado em vários países, realizando congressos mundiais, nacionais e regionais (LEWGOY, 2008: 91-92).

---

<sup>9</sup> Presidente da Federação Espírita Brasileira desde 16 março de 2013 e é membro a Comissão Executiva do Conselho Espírita Internacional. Foi presidente da USE-SP; foi secretário geral do CFN da FEB, diretor, vice-presidente e presidente interino da FEB desde 30/5/2012.



Outra estratégia usada pela FEB a fim de assegurar sua condição de maior instituição espírita em nível internacional é a atuação de sua editora, associada à distribuição e venda dos seus respectivos livros. A FEB tomou a iniciativa de traduziu para diversos idiomas as obras espíritas, fazendo com que cheguem aos mais diferentes países, exceção feita ao mundo francófono, o qual consegue manter uma pequena independência em relação a FEB. Dessa maneira a Federação Espírita Brasileira busca fornecer o sustento intelectual, ritual e doutrinário para o Espiritismo Internacional. Junta-se a essa estratégia a realização de cursos de formação de dirigentes, divulgadores, médiuns e oradores espíritas em sua sede, apoiada em vasta bibliografia técnica de apoio às atividades ordinárias de centros espíritas, envolvendo aspectos organizacionais, administrativos e legais dos centros espíritas (LEWGOY, 2008: 92-93).

Através do trabalho de divulgação internacional realizado por Divaldo Franco a figura de Chico Xavier se tornou a figura mais divulgada no Espiritismo internacional, logo após Allan Kardec, fato este que simboliza o sucesso do Espiritismo Transnacional arquitetado e liderado pela Federação Espírita Brasileira. Portanto, a presença de Chico Xavier e Divaldo Franco entre as recomendações bibliográficas é indicador seguro da influência brasileira no Espiritismo local (LEWGOY, 2008: 92-93).

Por intermédio das várias ações desenvolvidas pela FEB, como a criação de redes internacionais em conjunto com espíritas de cada país, o incremento do circuito de palestras e conferências, os diversos Congressos Espíritas e também de Médicos-espíritas, workshops, as inúmeras traduções dos livros de Chico Xavier e de Allan Kardec e a busca pela unificação dos princípios pedagógicos de formação de lideranças e práticas espíritas a Federação busca tornar o Espiritismo uma religião globalizada (LEWGOY, 2012: 103-104).

Outro passo importante nesse sentido são as alianças forjadas com segmentos não espíritas em busca de novos diálogos que aproximam o Espiritismo no movimento denominado de Nova Era como pode-se observar as parcerias com Raymond Moody Jr e as “experiências de quase morte” com Carol Bowman e a “reencarnação”, com o físico Amit Goswami e a “Física da alma” entre outros (LEWGOY, 2012: 103-104).

O “Conselho Espírita Internacional” possui como membros efetivos cerca de 36 países: Alemanha, Angola, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Cuba, El Salvador, Espanha, Estados Unidos, França,

Guatemala, Holanda, Honduras, Irlanda, Itália, Japão, Luxemburgo, México, Moçambique, Noruega, Nova Zelândia, Panamá, Paraguai, Peru, Portugal, Reino Unido, Suécia, Suíça, Uruguai e Venezuela.

Alguns outros países mantêm relações com o CEI sem fazerem parte do conselho como membros efetivos como, por exemplo, Hungria, República Checa e Rússia.

Para finalizar este artigo, devemos ressaltar que esta é uma primeira proposição da ideia de dividirmos a história da FEB em quatro gerações, onde a atuação de seus membros evidencia a pujança do Movimento Espírita Brasileiro e sua complexidade, a qual buscamos compreender ao longo dos nossos continuados estudos.

#### Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. **Pequena História da Formação Social Brasileira**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

Centro da União Spirita de Propaganda no Brazil. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XV. n. 353, 15 nov. 1897.

Cinquentenário do Pacto Áureo. **Reformador**, Rio de Janeiro, n. 2047, out. 1999.

Da Capital Federal. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão/SP, ano 2. n.4, 15 mai.1926.

Espiritismo no Brasil. **Revista Internacional de Espiritismo**. Matão/SP, ano 2. n.3, 15 abr.1926.

GOMES, Angela Maria de Castro. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. - Protestantismo, Modernização e Estado Leigo: Luteranos confessionais entre a ortodoxia e a laicidade nos inícios da era Vargas. Disponível em:<< [http://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2008/t\\_huff.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2008/t_huff.htm)>> Acessado em: 01 jul de 2014.

ISAIA, Artur Cesar. *Catolicismo e Autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

LEWGOY, Bernardo. **Transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial**. Rio de Janeiro: Religião e sociedade, 2008.

LEWGOY, Bernardo . Entre herança européia e hegemonia brasileira: notas sobre o novo espiritismo transnacional. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto; RICKLI, João. (Org.). **Transnacionalização religiosa: fluxos e redes**. São Paulo:Editora Terceiro Nome, 2012.

Liga Espirita do Brasil. **Revista Espirita do Brasil**. Rio de Janeiro, ano 1. n.1.jan.1929.

Liga Espirita do Brasil. **Revista Espirita do Brasil**. Rio de Janeiro, ano 1.n.6. jun.1929.

MENEZES, Adolfo Bezerra de. Lamentavel. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano XV. n. 353, 15 nov. 1897.

QUINTELLA, Mauro. **História do Espiritismo no Brasil**. p. 2.

SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. Campinas: Editora Átomo, 2004.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SOUZA, Juvanir Borges de. O Centenário da Federação Espírita Brasileira – Aspectos Marcantes de sua trajetória I. **Reformador**. Rio de Janeiro, ano 101. n. 1857 dez. 1983.